

## **João Palaio Gabriel**

Centro de Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

**Ramalho, Maria Irene. *Fernando Pessoa e Outros Fingidores*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2021. 376 pp. ISBN: 978-989-671-621-9**

A partir de uma paráfrase da ideia Benjaminiana de que “as ideias estão para as coisas como as constelações para as estrelas” (2-3), Maria Irene Ramalho propõe uma reconfiguração do conceito de influência, aplicado aos estudos literários, adoptando a metáfora da constelação como método privilegiado de comparação entre poemas e poetas que, segundo a autora, “não precisam de estar em contacto, ou em conjunção, para serem lidos como parte de uma mesma constelação” (4). Este é o ponto de partida para o volume de ensaios *Fernando Pessoa e Outros Fingidores*, que viu a sua primeira edição em Agosto de 2021, às mãos das Edições tinta-da-china, e que é aqui recenseado.

O volume colige catorze ensaios escritos em fases distintas da vida e da produção de Ramalho Santos, permitindo esboçar um roteiro do percurso intelectual da autora que contribuiu de forma indelével para o universo dos estudos pessoanos, nomeadamente no que diz respeito ao posicionamento de Pessoa e dos seus heterónimos na intersecção entre os modernismos Português e Anglo-Americanos. Exemplo disto é o seu livro, *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*, publicado em 2003, e no qual a autora trabalhou alguns dos conceitos que transportaria depois para este novo volume que, nas suas palavras, surge da “preocupação de colocar Pessoa num vasto contexto transnacional e interpoético” (13) em que o poeta se insere enquanto “astro singular a girar no sistema planetário do universo poético ocidental” (14).

Esta expansão das possibilidades oferecidas por uma aproximação intertextual à poesia de Pessoa é posta em prática em todo o trabalho de

Ramalho Santos, a começar pelo conceito de “interrupção poética”, que serve de título ao capítulo final de *Atlantic Poets* e é aqui reapropriado como primeiro capítulo de *Fernando Pessoa e Outros Fingidores*. Esta primeira estrela na constelação pessoana cria-se através de Coleridge e da história de produção do seu “Kubla Khan”, que viu surgir o conceito que dá título ao capítulo, que, por sua vez, permite uma leitura da poesia e dos poetas mais aproximada do quotidiano comum.

Na verdade, o processo de colocar Pessoa a dialogar com outros poetas é o fio condutor que percorre o volume, como é claro através do exemplo do capítulo seguinte, “Poetas e Pássaros”, onde outra voz é invocada – a de Wallace Stevens. Os capítulos subsequentes não são excepção, mesmo que nem todos os autores convocados sejam estranhos ao próprio Pessoa. De facto, em “A Doença do Poeta”, o enfoque passa a incidir sobre Alberto Caeiro e os seus quatro “poemas doentes”, ponto de partida para uma discussão posterior sobre o papel do *Livro do Desassossego* no entendimento da obra de Pessoa. Aqui, os acrescentos à constelação de poetas partem sobretudo de dentro do próprio poeta, através de uma exploração mais aprofundada do fenómeno heteronómico, sem que, por isso, deixem de surgir também as vozes de outros poetas, a pretexto de enquadrar, por exemplo, Álvaro de Campos enquanto “o mais ostensivamente modernista” de todos os heterónimos (65) (o que, segundo Ramalho Santos, parece ser justificação suficiente para o seu supremo mal estar e pessimismo).

Saliento ainda o papel central que as questões relacionadas com género e corporalidade assumem neste volume. Exemplo disto é o capítulo intitulado “A Musa Gazeteira e o Corpo do Poeta”, uma tradução do original em inglês, “The Truant Muse and the Poet’s Body”, publicado originalmente como parte do volume fundamental de Klobucka e Sabine, *Embodying Pessoa: Corporality, Gender, Sexuality* (2007). Neste capítulo, a autora questiona a materialidade da poesia, predicada no corpo do poeta, defendendo que “o poético está sempre no limiar do não-ser” (203) e que, por isso, “o processo de aprendizagem consiste em nos despirmos, em sermos capazes de desencaixotar as nossas verdadeiras emoções, em nos desembrulharmos e, por fim, em nos encontrarmos a nós mesmos” (205). É talvez neste capítulo que a ideia de Pessoa enquanto um astro central de uma constelação

composta por outros poetas se torna mais clara, através do apagamento da “musa” titular, que desloca o enfoque da experiência poética para o corpo do poeta. As implicações da fragmentação e elisão de referentes outrora estáveis parece ser uma preocupação transversal aos vários modernismos que povoaram o início do século XX, transformando o corpo do poeta num ponto estável a partir do qual se torna possível encenar experiências, depois vertidas em poesia. No caso de Pessoa, isto é feito através de uma constelação de arquitextos que operam segundo um eixo transatlântico muito querido a Ramalho Santos (explorado em maior detalhe noutros capítulos, por exemplo “A Ilha Incontinente”, onde o atlantismo Whitmaniano ganha protagonismo), extensível também aos heterónimos.

*Fernando Pessoa e Outros Fingidores* prima por colocar o autor lisboeta na posição privilegiada de poder dialogar com poetas e autores a que de outra forma não teria acesso, num plano estrito de comparação filológica e literal. O conceito de constelação poética, também enquanto instrumento de comparação literária, enquadra o extenso volume de trabalho de Ramalho Santos e, através dos ensaios aqui coligidos, constitui um marco importante na crítica pessoana.